



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Breaking News #8

JULHO DE 2017

**Os primeiros 40 dias:
Em que direção marcha
a França de Macron?**

Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva.

Ao longo de dezenove anos de história, a instituição se destaca por seu acervo intelectual, pela capacidade de congregiar múltiplas visões de renomados especialistas, pela envergadura de seu Conselho Curador e pela pluralidade de seus mantenedores.

www.cebri.org

EXPEDIENTE Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Diretor de Relações Institucionais: **Tomás Amorim** | Coordenadora de Comunicação e Eventos: **Barbara Brant** | Coordenadora Administrativa: **Camila Guedes de Menezes** | Coordenadora de Projetos: **Luciana Gama Muniz** | Consultor em Comunicação e Conteúdo: **Nilson Brandão** | Analista: **Ariane Costa dos Santos** | Assistente: **Carlos Arthur Ortenblad Júnior** | Estagiário: **Vitor Burckarte Patelli** | Voluntários: **Gabriel de Barros Torres, Mariana Panero e Victor Carap** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044 Tel + 55 21 2206-4400 - cebri@cebri.org - www.cebri.org

MANTENEDORES:



ASSOCIADOS ESTRANGEIROS:



ASSOCIADOS DIPLOMÁTICOS:



PARCEIROS DE PROJETOS:



A sorte, mas não apenas ela, levou Emmanuel Macron à Presidência da França. Aluno das melhores escolas superiores de políticas públicas em seu país, banqueiro do Rothschild & Company, Ministro da Economia do presidente socialista François Hollande, defensor de causas sociais, Macron lançou em maio de 2016 um movimento, o *En Marche!* (Em Marcha!), também chamado Associação para a Renovação da Política.

Doze meses depois, o nome da legenda virava ‘A República em Marcha’ e Macron ocupava o Palácio do Eliseu. Para desvendar um pouco mais da trajetória do até então neófito na política, acompanhar a trajetória do novo presidente e analisar suas perspectivas no poder, o CEBRI *Breaking News*: “Os primeiros 40 dias: Em que direção marcha a França de Macron?” foi realizado em junho, em parceria com a Casa do Saber no Rio.

Dele participaram, o Membro Fundador e Conselheiro Especial do Institut Montaigne, Dominique Moïsi, por videoconferência, de Paris, além do Embaixador Marcos Azambuja, Conselheiro Emérito do CEBRI, do Diretor-Executivo do Instituto República, Octavio de Barros, e da Diretora Executiva da Netune, Claudine Bichara, que apresentou o evento, a quem aproveitamos para agradecer. Assim como à Casa do Saber, pelo início desta promissora parceria.

JULHO DE 2017

Os primeiros 40 dias: Em que direção marcha a França de Macron?

Pouco antes de tirar sua foto oficial como Presidente da França, Emmanuel Macron pousou dois celulares em cima de sua mesa no Eliseu, ajeitou três livros – um de memórias de Charles de Gaulle, outro de André Guide e o terceiro, de Stendhal –, acomodou um dos livros aberto diante do relógio feito em bronze com o símbolo nacional do galo. Encaminhou-se, então, para as fotos. O vídeo com o *making off* da sessão fotográfica foi postado nas redes sociais por uma de suas consultoras de comunicação, conforme relato minucioso do *The New York Times*, que buscou destrinchar a simbologia de cada peça e de cada movimento. A foto oficial do líder por quem o mundo passara a se interessar seria impactante: Macron, apoiado à mesa com as duas mãos, as bandeiras da França e da União Europeia ladeando sua imagem, janelas e cortinas amplamente abertas, dando para os jardins do palácio. Tradição, abertura, ar fresco e renovado, além da solidariedade com a Europa, foram alguns dos signos encontrados pelo periódico americano. Macron emergia para o mundo, mas principalmente para os franceses, da forma adequada no momento oportuno.

“Existe uma frase célebre, atribuída a De Gaulle, quando o escritor Roger Stéphane perguntou, certa vez, como ele chegou lá. A resposta de De Gaulle foi: ‘É muito simples. É um encontro do acaso e de uma grande ambição’. Eu acrescentaria duas palavras à resposta de De Gaulle. Além do acaso teria sido uma enorme chance e além da chance, é preciso muito talento. A história, com um grande ‘h’, produz-se com circunstâncias excepcionais, encontra uma personalidade excepcional e é o que eu acredito que nós acabamos de viver na França”, disse o Membro Fundador e Conselheiro Especial do Institut Montaigne, Dominique Moïsi. O cientista político e professor de Relações Internacionais apresentou-se por videoconferência no CEBRI *Breaking News*: “Os primeiros 40 dias: Em que direção marcha a França de Macron?”. O evento, feito em parceria com a Casa do Saber no Rio, foi aberto pela Diretora-Executiva da Netune, Claudine Bichara, contou, ainda, com as participações do Embaixador Marcos Azambuja, Conselheiro Emérito do CEBRI, e do Instituto República, Octavio de Barros.

Um ano após lançar um simples movimento, o *En Marche!* (Em Marcha!, no português), Emmanuel Macron alcançou o poder na França como efeito do que chegou a ser chamado durante o debate como o “alinhamento dos astros”, além dos próprios méritos. Foi favorecido, em grande parte, pelo desmonte da candidatura de François Fillion, representante da direita tradicional nas eleições, pelo partido Os Republicanos, assim como pelo desgaste da representação político-partidária e pelo anseio dos franceses por mudanças. Até mesmo os fenômenos da eleição de Donald Trump na Presidência dos Estados Unidos e do Brexit abriram espaço

para a narrativa de Macron como alternativa ao populismo e por um mundo mais integrado. O candidato da esperança, da renovação e da modernização avança no começo de seu mandato como o presidente de uma França mais otimista, que honra a União Europeia e que se pretende no centro da diplomacia mundial. Não é pouco para um jovem novato de 39 anos na vida política, tem agora, diante de si, expectativas elevadas em um país que aceita reformas mas exige resultados.

O Conselheiro do Instiuit Montaigne situa as principais circunstâncias e intuições que permitem entender como Macron se tornou Macron. A primeira delas, o fato de que o presidente em exercício, François Hollande, do Partido Socialista, eleito em 2012, não se candidataria à reeleição. “Movo-me apenas em nome do superior interesse do país”, justificou Hollande, ao informar no início de dezembro que não concorreria, tornando-se o primeiro presidente francês a não buscar a reeleição na Quinta República Francesa, desde 1958. Em segundo lugar, a percepção de que os franceses já haviam se cansado da divisão clássica entre a direita e a



Macron aos 29 anos de idade: Jacques Attali e Emmanuel Macron, aos 29. Attali tem a fama de ter apresentado Macron à Hollande. Aqui, Macron no momento em que o último foi relator-geral adjunto do Comitê para a Libertação do Crescimento Francês em 2007

esquerda. A terceira intuição, talvez a mais importante, prossegue Moïsi: “Ele (Macron) sentiu em nosso país uma pré-disposição à mudança. Os franceses desejavam que o presidente desse certo”. Em quarto lugar, a intuição de que retomada econômica em curso na Europa facilitaria a implementação das reformas internas na França, como a trabalhista, da previdência e na área fiscal.

“Houve elementos de sorte incrível”, diz o cientista político francês. A sorte mais extraordinária, contudo, ressalta Moïsi, talvez tenha sido o calendário, que fez com que a eleição francesa sucedesse o Brexit e viesse depois das eleições presidenciais americanas. Depois do avanço do populismo representado por Trump nos Estados Unidos e do isolacionismo do Reino Unido com o Brexit, a possibilidade de eventual vitória da candidatura de extrema-direita de Marine Le Pen na França preocupou os franceses. A eleição de Donald Trump representou uma espécie de alerta. “O calendário teve um papel importantíssimo no fracasso do populismo no meu país”, comenta Moïsi. “Aconteceu algo como um encontro excepcional de um país pronto para a mudança e uma pessoa pronta para a mudança”.

Autor dos livros *La géopolitique de l'émotion: Comment les cultures de peur, d'humiliation et d'espoir façonnent le monde* (2008) e *La géopolitique des séries ou Le triomphe de la peru* (2016), Moïsi conta que no campo das emoções ocorreram duas mudanças importantes.

“Os ingleses não se sentem mais superiores que os franceses e os franceses não se sentem mais inferiores aos alemães. O sentimento é de que a França *is back* (está de volta). Hoje na Europa há menos da Grã Bretanha, mais da França e o mesmo da Alemanha. Há outra evolução muito importante. A França aparece como um modelo positivo para as reformas em curso na Europa”. No plano internacional, complementa o cientista político, Macron conta, ainda, de certa forma, com a sorte de até mesmo ter Trump diante de si. “Ele é um anti-Trump por excelência”. Enquanto o presidente americano abandona os valores do universalismo e da prática do multilateralismo, Macron deseja “make the planet greater again”.



“Creio que o Professor Moisi destacou uma coisa extraordinária. Na vitória de Macron, há um elemento de sorte, decisivo. A fortuna. Eu não quero dizer que ele não tenha virtude, mas a fortuna foi decisiva. Os deuses quiseram que ele ganhasse”, afirma o Embaixador Marcos Azambuja. Segundo o Conselheiro Emérito do CEBRI, François Fillon, poderia ter se tornado vencedor, não fossem as alegações surgidas em torno de irregularidades no emprego de familiares no governo. Fillon saiu das primárias do seu partido como o favorito nas pesquisas eleitorais, mas, ao longo da corrida eleitoral, foi acusado de favorecer sua esposa Penelope e os filhos Marie e Charles supostamente com empregos fantasmas de assistente parla-

mentar. O caso chegou à Justiça francesa. Sua candidatura caiu nas pesquisas, mas Fillon manteve a candidatura. Foi a primeira vez em que um favorito na disputa presidencial passou por uma turbulência desta natureza por tanto tempo.

Feita a ressalva, Azambuja reconhece que Macron venceu por mérito próprios, junto a uma conjuntura que lhe foi favorável. Analisa também os desdobramentos na geopolítica a partir da vitória. “A França cresce porque a saída da Inglaterra cria espaço. Volta o velho eixo, que antes era Bonn-Paris e agora é Berlim-Paris. A Europa volta a ter uma configuração continental com a saída da Inglaterra (da União Europeia), que passa a viver com a sua ambiguidade. A Inglaterra é europeia, mas é atlântica e da Commonwealth (organização intergovernamental de países independentes, em sua maioria, ex-colônias britânicas). Ela é as três coisas. A Inglaterra nunca foi totalmente europeia. Ela se refere à Europa como ‘The Continent’. Vejo no Macron coisas muito agradáveis, como a derrota da candidata Marine Le Pen. Essa vitória é uma vitória de todos nós”, observa o conselheiro do CEBRI, que foi Embaixador na França entre 1998 e 2002.

O chegada de Macron ao Eliseu difere fortemente do início das duas administrações anteriores, do ponto de vista da situação econômica no país. Em 2017, quando Nicolas Sarkozy assumiu a presidência da França, começava, quase simultaneamente, a crise do *subprime* nos Estados Unidos, em torno dos créditos hipotecários de alto risco, que trágou instituições financeiras americanas de grande porte e arrastou as bolsas de valores do mundo. Em 2012, o ex-presidente François Hollande foi eleito em meio ao curso da crise da dívida pública de países da Zona do Euro, do começo da década. “A situação na França estava difícil e estávamos saindo de uma crise pesada e com consequências”, diz Moïsi. O momento em que Macron toma coincide com um período de recuperação das economias europeias. Além da conjuntura econômica mais amigável, Macron assume a presidência francesa com um perfil que reúne formação tradicional, experiência no setor financeiro, conhecimento dos mercados globais e forte conexão com temas como educação e mudanças climáticas.

“Macron é muito culto”, destaca o diretor do Instituto Republica, Octavio de Barros. O presidente francês concluiu mestrado em políticas públicas no prestigioso Instituto de Estudos Políticos de Paris em 2004, também conhecido como Sciences Po, e estudou na ENA (École Nationale d’Administration), por onde costuma passar a elite política e da administração pública francesa. Trabalhou como Inspetor-Geral de Finanças e depois sócio do Banco Rothschild. Foi Secretário-Geral Adjunto de François Hollande e depois, Ministro da Economia, em 2014. “Tem riquíssima experiência no setor privado. Ele trabalhava na área de fusões e aquisições. É uma pessoa que tem uma percepção de mercado aguçada, coisa que o político tradicional não tem. Tem essa qualificação. Não é um paraquedista”, comenta Octavio de Barros, destacando ainda a capacidade de expressão e de “falar a verdade para a sociedade”.

Exemplo disso, prossegue o economista, foi a participação no último debate eleitoral, de 3 de maio, e a forma como encarou a delicada pergunta sobre a Reforma da Previdência. Octavio de Barros lembra que a primeira a responder foi a candidata Marine Le Pen, dizendo que reduziria a idade mínima da aposentadoria para 60 anos. Em seguida, foi a vez de Macron. “No primeiro ano, eu vou manter e depois nós vamos aumentar, a cada ano, na medida do envelhecimento da população francesa. Quero lembrar a todos que 60 anos era a idade mínima da aposentadoria na época de François Mitterrand (Presidente da França de 1981 até 1995) e, de lá para cá, a expectativa de vida dos franceses aumentou 11 anos, então como vai se querer que a idade mínima de aposentadoria volte a ser 60 anos?”, relembra Barros, ressaltando o compromisso com a realidade demonstrado pela resposta de Macron.

O diretor do Instituto República analisa que a narrativa de Macron abrange valores caros à esquerda e uma visão pragmática da economia. A visão social do presidente francês inclui as bandeiras da união homoafetiva, aborto, meio ambiente, racismo – e ele se comunica com convicção, afirma Barros. “O discurso econômico dele é um discurso liberal. Reforma trabalhista, reforma da previdência, alguma mudança constitucional no sentido da modernização da França. E Macron tem condições para efetuar tais mudanças, por

ter maioria absoluta no Parlamento”, opina. “Ele tem força política e apoio não apenas do seu partido”, complementa Barros, citando que o presidente francês conta com 350 das 577 cadeiras na Assembléia Nacional. A sigla de Macron, A Republica em Marcha (LREM) conquistou 308 assentos e o partido aliado, MoDem (Movimento Democrático), outras 42. “Mas ele vai ter 50 deputados do Les Républicains, que são o que eles chamam de *Macron compatible*, assim como 15 dos Socialistas. Então, no total, terá, no mínimo, 415 deputados em 577. Aprova qualquer coisa. Claro que ele quer que a sociedade dialogue. Estou razoavelmente otimista com essa perspectiva”, afirma o diretor do Instituto Atlântico.



Além dos temas fortemente econômicos, Macron planeja uma reforma no sistema educacional. O projeto é reduzir para 12 o total de alunos por classe em sala de aula no CP (Cours préparatoire), que equivale ao curso primário no Brasil. A reforma inclui o desafio de ter mais salas de aulas disponíveis para a redivisão de alunos por classe e a contratação de 24 mil professores a mais, já em curso. Barros diagnostica que há uma série de medidas modernizantes em

curso e conta que não seria incorreto comparar que muito do que está sendo buscado já foi proposto por outros governos, ao longo da História. “Acho que não é tanto pelo conteúdo, é mais pela forma. Macron trouxe uma fórmula. Ele tem uma forma elegante de comunicação e de transparência, mas, ao mesmo tempo, ele é resultado dessa crise da representação política, que é planetária, é mundial, não apenas na França, mas em todos os países do mundo”, concluir o diretor do Instituto República.

Ao mundo, Emmanuel Macron projetou a imagem de uma França forte, poderosa e importante para a diplomacia global durante as comemorações do Dia da Bastilha, a Festa Nacional francesa de 14 de julho. O Presidente Donald Trump foi o convidado de honra para as comemorações oficiais. Na véspera, Macron reuniu-se com a Chanceler da Alemanha, Angela Merkel, durante conselho bilateral de ministros, em Paris. As imagens espalhadas mundo afora o expuseram o líder francês ao lado do principal aliado europeu, junto do presidente da maior potência econômica e e diante do desfile do poderio das Forças Armadas da França, país que dispõe de armas nucleares e é membro permanente do Conselho de Segurança da ONU. Trump e Merkel estiveram em Paris mas não se encontraram oficialmente. Os dois líderes internacionais tiveram programas paralelos com Macron. Ao lado de Merkel, em uma das agendas, o presidente fran-

cês declarou: “Temos o dever e a capacidade de construir um futuro comum, porque nenhum dos países terá sucesso um sem o outro”.

Perguntado no debate CEBRI *Breaking News*, realizado duas semanas antes da visita de Donald Trump a Paris, sobre as divergências entre França e Estados Unidos quanto às mudanças climáticas, o Conselheiro Especial do Institut Montagne observa que a questão é de fato importante e simbólica, envolvendo uma visão antagônica e retrógrada até certo ponto – os Estados Unidos decidiram deixar o Acordo de Paris. E centrou o foco de sua resposta em aspectos nova geopolítica no mundo, a partir do Governo Trump. Questionou como os americanos podem se ver líderes do mundo livre quando não defendem mais integralmente os valores que sempre encarnaram. Resumiu que a Europa está na linha de frente das ameaças terroristas, no front da relação com a Rússia e concluiu: “Não podemos mais contar com os Estados Unidos, como há 70 anos. Temos de contar conosco mesmo”.

Durante o evento, as demonstrações de otimismo quanto à nova gestão presidencial francesa foram, de forma geral, intensas. “Assistimos a uma fulgurante ascensão política de um *outsider*, que varreu os tradicionais partidos franceses do mapa político. Havia um astral na França, do ‘has been’ (algo ultrapassado). De repente, a gente sentiu nas ruas de Paris um renascimento, rejuvenescimento, uma onda de otimismo”, notou Claudine Bichara, para quem Macron gerou expectativas enormes e responsabilidades, para ele, maiores ainda. “Quero dizer, também, que em todo esse otimismo e na ideia de modernidade que eu vejo no Macron, há o risco de quem nunca foi testado. Ele nunca antes havia sido eleito a nada”, ponderou o Embaixador Marcos Azambuja. “Os franceses não esperam de Macron palavras, mas sim resultados. E parece que Presidente da República compreendeu perfeitamente isso”, concluiu Dominique Moïsi.

CONTEÚDO RECOMENDADO

Les Énarques

O jornal espanhol *El País* foi à École Nationale d'Administration conhecer de perto um dos celeiros de pensadores e administradores da coisa pública na França, quando Macron ainda era Ministro da Economia. O outro é Instituto de Estudos Políticos de Paris ou mais simplesmente, Sciece Po.

Assim se fabrica um presidente francês



https://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/internacional/1424105962_240132.html

“

Os ingleses não se sentem mais superiores que os franceses e os franceses não se sentem mais inferiores aos alemães. O sentimento de que a França is back (está de volta). Hoje na Europa há menos da Grã Bretanha, mais da França e o mesmo da Alemanha.”

Dominique Moïsi, Membro Fundador e Conselheiro Especial do Institut Montaigne

“

Volta o velho eixo, que antes era Bonn-Paris e agora é Berlim-Paris. A Europa volta a ter uma configuração continental com a saída da Inglaterra (da União Europeia), que passa a viver com a sua ambiguidade.”

Embaixador Marcos Azambuja, Conselheiro Emérito do CEBRI

“

Macron trouxe uma fórmula. Ele tem uma forma elegante de comunicação e de transparência, mas, ao mesmo tempo, ele é resultado dessa crise da representação política, que é planetária, é mundial, não apenas na França, mas em todos os países do mundo.”

Octavio de Barros, Diretor-Executivo do Instituto República

“

Assistimos a uma fulgurante ascensão política, de um *outsider*, que varreu os tradicionais partidos franceses do mapa político. Havia um astral na França, do ‘*has been*’ (algo ultrapassado). De repente a gente sentiu nas ruas de Paris um renascimento, rejuvenescimento, uma onda de otimismo.”

Claudine Bichara, Diretora-Executiva da Netune



Biografias

Marcos de Azambuja

Marcos de Azambuja foi Embaixador do Brasil na França e na Argentina. Secretário Geral do Itamaraty de 1990 a 1992 e Chefe da Delegação do Brasil para Assuntos de Desarmamento e Direitos Humanos, em Genebra. Foi membro do projeto "Global Zero" que pretende a eliminação completa de todas as armas nucleares. Atualmente, o Embaixador Azambuja é membro do Conselho Curador do Centro Brasileiro de Relações Internacionais – CEBRI e da Comissão de Armas de Destruição em Massa (WMDC).

Dominique Moïsi

Dominique Moïsi é professor em King's College London e Conselheiro Senior no Instituto Montaigne. Ele é membro fundador do Instituto francês de Relações Internacionais (Ifri) no qual ele atuou como diretor adjunto antes de ser apontado como assessor especial. Dominique já foi palestrante na Sciences Po Paris, em Harvard e na College of Europe em Natolin. Ele contribui regularmente com artigos op-ed para o *Financial Times*, *Die Welt*, *Les Echos*, *Ouest France*, entre outros, e é autor de diversos livros, dentre os quais, "The Geopolitics of Emotion: How Cultures of Fear, Humiliation, and Hope are Reshaping the World" (2009).

Octavio de Barros

Foi Diretor estatutário e Economista-chefe do Banco Bradesco por cerca de 15 anos. Doutorado pela Universidade de Paris 10-Nanterre. Ex-assessor do Ministério da Fazenda por duas ocasiões e foi o primeiro economista-pesquisador convidado do Banco Central do Brasil. Atuou como consultor do BNDES, economista pesquisador do Development Center da OCDE, Chefe de Operações Financeiras Internacionais da CESP e Coordenador Geral da Presidência da COMGAS. Foi também Diretor do BBVA- Banco Bilbao Vizcaya e Diretor de Economia da FEBRABAN. Atualmente é o Vice-Presidente da Câmara de Comércio França-Brasil, membro do Conselho Superior de Economia da FIESP, do Conselho da FUNCEX e Vice-Presidente do Conselho Empresarial Brasil-China e membro dos Conselhos da Aliança Francesa e do Lycée Molière no Rio de Janeiro. Dirige o *think tank* sem fins lucrativos Instituto República, é sócio-diretor da B3A Inovação e preside a OMRBarros Consultoria Econômica. É autor, junto com Fabio Giambiagi, dos livros "Brasil Globalizado" e "Brasil pós-crise: agenda para a próxima década". Recebeu o Prêmio Destaque 2014 do IBEF- Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças. Foi condecorado pelo governo francês como Chevalier de la Légion d'Honneur e também com a Ordem do Rio Branco pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

Claudine Bichara

Diretora Executiva e fundadora da NeTune e Consultora principal em e-business. Membro do Conselho de Administração e do Conselho Consultivo da Câmara de Comércio França-Brasil no Rio de Janeiro (CCFB / RJ) desde Março de 2006 e foi Presidente de 2013 à 2017. Ela é membro do Conselho da ISI / Brasil, "think tank" dedicado a estudos e projetos em TICs para o desenvolvimento no Brasil e na região. Foi coordenadora da Comissão Tecnologias da informação na CCFB / RJ em 2004 e 2005 e membro do UN ICT Task Force para a região e América Latina de 2000 a 2002. Em 2005, atuou como Consultora Internacional junto ao ITC – UNCTAD/WTO, tendo elaborado diversos estudos entre os quais o relatório especial "Empowering SME Exporters Through ICT: Lessons from Latin America", publicado em janeiro de 2006. De 2002 a 2003, foi consultora do Programa sociedade de informação do Ministério de Ciência e Tecnologia, onde coordenou as atividades do Grupo de trabalho sobre o comércio eletrônico e o Grupo de trabalho sobre a articulação internacional, para a difusão do TIC nas PME, em colaboração com as organizações públicas e privadas. Na década de 90, entre 1991 e 1996, ela participou da criação da Rede nacional de pesquisas (RNP), onde ela dirigia o primeiro centro de informação na internet. Ela é socióloga com pós-graduação em Antropologia pela Université René Descartes, Paris V – Sorbonne e pela Ecole Pratique des Hautes Études de Paris.

Conselho Curador do CEBRI

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

Conselheiros

Aldo Rebelo

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Denise Gregory

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildelfonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Maria do Carmo (Kati) de Almeida Braga

Maria Regina Soares de Lima

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Roberto Giannetti da Fonseca

Ronaldo Sardenberg

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2016 o quarto melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

www.cebri.org